

O LAZER NA LÓGICA DO CAPITALISMO: REALIDADE E CONTRADIÇÕES

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

CRUZ; Marlon Messias Santana¹, MARTA; Felipe Eduardo Ferreira²

RESUMO

GT5. O LAZER SOB O VIÉS DO PROCESSO CIVILIZADOR

O LAZER NA LÓGICA DO CAPITALISMO: REALIDADE E CONTRADIÇÕES

LEISURE IN THE LOGIC OF CAPITALISM: REALITY AND CONTRADICTIONS

Resumo:

O presente estudo pretende analisar o lazer, a fim de reconhecer quais as possibilidades significativas atendem aos interesses da classe trabalhadora. Nossa discussão teórica envolve autores que desenvolveram seus estudos em torno do nosso objeto de investigação: o lazer e a lógica de produção capitalista. Partimos da compreensão do lazer, desde a apreensão histórica, até a concepção de lazer proposta pelo sistema econômico - produtivo da sociedade na atualidade. Propomos nesse estudo uma pesquisa exploratória bibliográfica. Portanto, busca-se reconhecer as possibilidades significativas do lazer que atendam às necessidades da classe trabalhadora, à luz de uma teoria do conhecimento que viabilize a compreensão do lazer como prática social inerente à vida humana, em sua totalidade histórica, reconhecendo seus determinantes econômico-social e político.

Palavras – chave: Lazer; Trabalho; Capitalismo

Abstract:

This study intends to analyze leisure, in order to recognize which significant possibilities meet the interests of the working class. Our theoretical discussion involves authors who developed their studies around our object of investigation: leisure and the logic of capitalist production. We start from the understanding of leisure, from the historical apprehension, to the conception of leisure proposed by the economic - productive system of society today. In this study we propose an exploratory bibliographic research. Therefore, we seek to recognize the significant possibilities of leisure that meet the needs of the working class, in the light of a theory of knowledge that enables the understanding of leisure as a social practice inherent in human life, in its historical totality, recognizing its economic and economic determinants social and political.

Key words: Leisure; Job; Capitalism

INTRODUÇÃO

O papel que o lazer vem assumindo nas sociedades capitalistas é o de reproduzir os interesses do capital, como instrumento de manipulação a serviço da classe burguesa, limitando as possibilidades de um lazer qualitativo e emancipador. O lazer se tornou refém de práticas funcionalistas e utilitaristas com o estímulo ao consumo pelo consumo, cerceando a autonomia dos indivíduos.

Não se pode falar em lazer e sua origem sem deixar de citar a sua base de existência com o modo de produção da vida, principalmente pelas circunstâncias econômicas que fez surgir uma nova ordem social, advinda dos movimentos operários que tem relações diretas com a formação do novo imperialismo, geradora de reformas sociais do início do século XX. Atendendo aos interesses da expansão do capital, o lazer e o trabalho, subproduto do capital, seguindo a lógica de mercado, submete ao indivíduo dentro da dinâmica trabalho-lazer, a

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santa Cruz, efmarta@gmail.com

condição de produtor-consumidor alienado.

Para garantir a mercadorização do lazer a realidade mascara as reais contradições sócio-econômica presentes no sistema capitalista onde à classe dominante hegemônica que detém os meios de produção, e da cultura, utiliza-se ideologicamente destes para manutenção dos seus interesses e a perpetuação de seus privilégios.

Partindo para outro campo, o educacional, percebe-se o enquadramento desta instituição às determinações políticas e econômicas, assim como o lazer. A escola como espaço social responsável pela educação formal dos indivíduos, contribui para reproduzir os interesses da classe burguesa, quando se apoia em teorias e diretrizes educacionais para que os indivíduos exerçam funções sociais, ou seja, sejam instrumentalizados tecnicamente para ocupar uma vaga no mercado de trabalho.

Nesse contexto, considera-se imprescindível discutir o lazer e sua relação com a educação e a Educação Física. O estudo a que nos propomos desenvolver tem preocupações em apresentar o lazer a partir de uma proposta situada no rigor de uma pesquisa que precisa descontinar a realidade do que vem sendo proposto na produção do conhecimento sobre o lazer na área da Educação Física, em vista ao campo escolar. Na revisão dos estudos produzidos no Brasil, a partir de determinados autores, considerando uma análise situada em aproximações do referencial da concepção do materialismo histórico dialético, pretendemos reconhecer em um contexto educacional se é possível apresentar o lazer no campo da educação e especificamente na Educação Física, para a superação dos interesses do capital, de forma que atenda aos interesses da classe trabalhadora, distante das condições marcadas pelo consumo exacerbado da sociedade que vivemos.

O debate em torno do lazer refletida na produção do conhecimento no Brasil, a partir de 1891 é cada vez mais crescente, para isso abordamos os estudos que partem de uma revisão da produção do conhecimento sobre lazer, defendidos em uma tese por Peixoto, apontam que em 1891, há uma primeira produção do lazer, como a mais antiga produção, que apresenta a relação – Recreação/Lazer e Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil (PEIXOTO, 2007). Sobre a amplitude do estudo de Peixoto (2007), destacamos uma ampla catalogação de trabalhos relativos à produção do lazer, cujo volume de produção referente ao período de 1891 a 2006, é de 2674 trabalhos publicados e disseminados por todo o Brasil e exterior, portanto existindo um grande interesse por parte dos autores em discutir a importância da ocupação do tempo livre em atividades de lazer ressaltando os seus valores, conteúdos e diretrizes para políticas públicas (PEIXOTO, 2007). Geralmente as referências adotadas nos estudos são baseadas nas ciências humanas, principalmente na sociologia. Tempo livre é uma categoria que não tratamos em nossos estudos por considerar que no modo de produção capitalista, os trabalhadores não usufruem um tempo livre para o lazer, enquanto uma condição de liberdade de escolha.

Quanto às publicações que enfocam o lazer e educação, observamos que ainda são escassas, evidenciando a carência em termos de debate e produção científica consistente.

Embora muitos estudos coloquem o lazer como direito social, os estudos podem se limitar aos imediatismos de uma sociedade onde esta prática tornou-se utilitarista e descartável através do consumo alienado imposto pelo capital para a manutenção da sua hegemonia. Na lógica desse sistema tendo que gerar produção em massa e um consequente consumo, fica evidente que o lazer, assim como demais fenômenos da práxis social humana é uma presa importante desse sistema que o instrumentaliza em favor de interesses que contribuem para atenuar suas mazelas. A partir das referências de Kosik (1976) podemos considerar o lazer enquanto um dos fenômenos da práxis social; para tanto é fundamental que reconheçamos a sua essência no cotidiano das relações capitalistas, pois o fenômeno indica a essência e ao mesmo tempo, a esconde. Ainda segundo Kosik (1976, P. 46) “a manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno. É na atividade do fenômeno lazer na sociedade capitalista que reconhecemos a sua essência enquanto uma parte da práxis humana”.

O objetivo deste trabalho é propor um debate sobre as relações, nexos e contradições que estabelecem a realidade dos estudos no Brasil sobre lazer e Educação Física no campo escolar para reconhecer quais as possibilidades de contribuições significativas que atendem as necessidades da classe trabalhadora. Este objetivo, parte de uma dada posição teleológica que assumimos por reconhecer que na divisão social do trabalho, que divide a sociedade em classes trabalhadora e burguesa, em que a burguesia tem no lazer a garantia dos seus privilégios e a classe trabalhadora encontrando-se na condição de subjugação pelo capital, sendo refém de um lazer que não a favorece como direito social, em vistas a emancipação humana é o que objetivamos nesse estudo.

Para tanto, busca-se nesse estudo uma análise do que foi publicado sobre lazer e sua relação com a educação

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santa Cruz, efmarta@gmail.com

e a Educação Física, entendendo o lazer como fenômeno da práxis social produzida pela cultura humana em relação à forma com que os seres produzem a existência. Por entender que a escola é um espaço social de apreensão da cultura e o lazer sendo parte dessa cultura, se faz necessário reconhecer em que bases se apresentam os estudos que estabelecem relações e nexos sobre lazer e educação, considerando uma problemática do campo de conhecimento de Educação Física.

Não nos apoiamos em estudos do lazer que o colocam na sociedade atual, unicamente, em vista a uma prática de atividades para a ocupação do tempo disponível dos trabalhadores, e sim, buscamos entendê-lo em sua dimensão mais ampla, contextualizado e historicizado na sua relação com o trabalho e seus determinantes no modo de produção capitalista.

Partimos do pressuposto no qual reconhecemos que é possível que na realidade da produção do conhecimento dos estudos do lazer e Educação Física, em suas relações, nexos e contradições não apresenta uma proposta significativa que atenda ao interesse da classe trabalhadora. Essa hipótese parte da interpretação de que os meios de produção dentro da dinâmica social, política e da estrutura econômica é um fator determinante das ações humanas. Segundo Marx "o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que inversamente, determina a sua consciência" (MARX, 1983 p. 24). Como o sistema produtivo que vigora na atualmente é o capitalismo, é de se esperar que as ações, ideias e a produção do conhecimento orientem para a manutenção dos interesses e privilégios desse sistema, logo, há detimento para a classe trabalhadora que se vê desprovida do real lazer, como direito social que permita sua emancipação com o acesso à produção humana sob forma de cultura.

DELINÉAMENTO DO ESTUDO

Esse ensaio foi desenvolvido a partir de uma revisão de literatura, de caráter qualitativo, considerando os seguintes momentos que passamos a descrever: Levantamento, leitura e análise da produção do conhecimento sobre lazer e Educação Física no Brasil. A escolha das produções ocorreu por entendermos ser necessário aprofundar os estudos sobre o Lazer **a partir dos clássicos**, com o intuito de ampliar e fortalecer uma consistente base teórica que possibilite o desenvolvimento do pensamento científico necessário para a realização de uma práxis revolucionária.

A análise dessas produções foi realizada a partir das categorias da dialética. Em vista ao movimento dialético empreendido nesse estudo tomamos as categorias da dialética – realidade, contradições e possibilidades de Cheptullin. Do ponto de vista do materialismo dialético, segundo Cheptullin (1982, p. 338) "a realidade é o que existe realmente e a possibilidade é o que pode produzir-se quando as condições são propícias". Ainda em Cheptullin (1982 p. 338),

Se conhecemos a essência de uma formação material, conhecemos tanto seus estados reais, como seus estados possíveis, os que ainda não existem, mas que surgirão necessariamente em certas condições. Assim, por possibilidade, entendemos as formações materiais, propriedades, estados que não existem na realidade, mas podem se manifestar em decorrência da capacidade das coisas materiais de passar uma nas outras

Portanto, a categoria contradições, de acordo com Cheptullin (1983 p. 338),

A contradição é a fonte genuína do movimento da transformação dos fenômenos na sociedade a contradição é o motor interno do movimento no curso do desenvolvimento da realidade que é dialética e contraditória, pois os fenômenos se desenvolvem em ligação com outros fenômenos.

No reconhecimento da essência do lazer tratado pelos autores, em vista a localização deste enquanto fenômeno, que estabelece nexos e relações com o campo da educação e Educação Física; essas categorias, enquanto graus do desenvolvimento do pensamento que se apresentam no movimento teórico produzido pelos estudos. Essas categorias nos permitem apropriação do reconhecimento concreto do lazer enquanto uma práxis social, que na sociedade capitalista se apresenta enquanto condições determinadas pelo modo de produção

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santa Cruz, efmarta@gmail.com

capitalista. As categorias empíricas que *a priori* designamos para analisar a base teórica das produções foram: modo de produção da existência, projeto histórico e ser social. Para estabelecer uma melhor compreensão sobre essas categorias, apresentamos no quadro abaixo elementos conceituais, em síntese, que permitiram reconhecer nas produções, dados que serviram ao nosso propósito de pesquisa.

Quadro 01: Categorias de análise.

Categorias

Elementos conceituais

Modo de produção da existência

Forma pela qual o homem garante as condições para a manutenção da vida.

Projeto histórico

O projeto histórico exprime que tipo de organização social que estabelece a forma em que a sociedade determina sua base material para produzir a existência humana.

Ser social

Ser social enquanto um ser histórico que se faz a partir do trabalho, que se substancia ao longo do processo de desenvolvimento ontológico.

Fonte: os autores

A teoria que elegemos para o estudo tem aproximações sustentadas pela base teórica da concepção do materialismo histórico dialético, por entender que esta teoria do conhecimento nos permite ter uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto dos fenômenos, destruindo a construção histórica fetichizada, das representações, da manipulação da consciência, que não nos permite avançar na compreensão da realidade dos fenômenos em sua essência histórica, ou seja é preciso superar a pseudoconcreticidade, pois o mundo da pseudoconcreticidade se apresenta como o

Complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana que com sua regularidade, imediatismo e evidencia, penetram na consciência dos indivíduos agentes assumindo um aspecto independente e natural. A pseudoconcreticidade é, portanto, uma construção histórica do sistema capitalista que investe na constituição do mundo fetichizado e na consequente destruição do homem histórico (KOSIK, 1976 p. 1976).

HISTÓRICO DO FENÔMENO LAZER: uma relação com o modo de produção da existência

O lazer é um fenômeno que surgiu em um momento histórico em que a sociedade, ao promover a expansão do capitalismo funda o movimento da Revolução Industrial. A revolução industrial significou um conjunto de transformações em diferentes aspectos da atividade econômica (indústria, agricultura, transporte, bancos, etc...), que levou a uma afirmação do capitalismo como modo de produção dominante, com suas duas classes básicas: a burguesia, detentora dos meios e produção e concentradora de grande quantidade de dinheiro; e o proletariado, que, desprovido dos meios de produção, vende sua força de trabalho em troca de um salário para subsistir. “O sistema fabril criou condições para o surgimento da máquina, e a ferramenta foi retirada das mãos dos trabalhadores e passou a fazer parte da máquina, rompendo-se a unidade entre o trabalhador e o processo de produção do trabalho” (ANDERY; ET AL. 2006 p. 257).

Entender esse contexto sócio-econômico, em que o século XX é marcado por conflitos intensos entre capital e trabalho, decorrente da expansão do capitalismo geradora de tensões na organização produtiva, é imprescindível para a compreensão do lazer, pois este emerge sob uma circunstância histórica singular, onde nesse momento ocorre uma divisão drástica do tempo de trabalho, fato que antes da industrialização não havia com a rigidez que se impôs aos trabalhadores.

As atividades de produção para manutenção da existência que predominavam antes da Revolução Industrial

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santa Cruz, efmarta@gmail.com

eram economicamente rurais, com a agricultura e a pecuária como fonte de subsistência que também serviam como matéria-prima para a fabricação do artesanato. Os artesãos e os camponeiros que constituíam a principal mão-de-obra da época, seguiam o ritmo da natureza: o tempo da semeadura e o tempo da colheita; seguiam o ritmo das estações; a produção ocorria muitas vezes no próprio centro familiar, ou próximos das moradias, e havia os “dias sem trabalho” para o repouso de acordo as relações que os seres sociais mantinham com a natureza. Sob esses aspectos não existia uma separação nítida entre as várias esferas que determinavam as relações da existência humana que regulava a vida.

Com o advento da industrialização da produção esse quadro foi alterado, o homem precisou vender sua força de trabalho em troca de um salário; o ritmo do trabalho que era marcado pela natureza passou a ser determinado pelo ritmo do relógio, ou seja, houve a regulamentação da duração da jornada de trabalho; com a fragmentação, divisão, mecanização e a especialização do trabalho, o tempo passou a ser cronometrado e extensivo a longas jornadas de trabalho, incluindo as mulheres e as crianças, alienando o homem do processo de trabalho e do seu produto. Nessa circunstância observa-se a divisão social do trabalho e a separação entre tempo de trabalho e não trabalho, que o modo de produzir a existência humana, historicamente determinou. É nesse momento que aparece o tempo “disponível” para atividades de lazer. A esse pensamento Marcelino (1995 p. 14) acrescenta que:

A gestação do fenômeno lazer, como esfera própria e concreta, dá-se paradoxalmente, a partir da revolução industrial, com os avanços tecnológicos que acentuam a divisão do trabalho e a alienação do homem do seu processo e do seu produto. O lazer é resultado dessa nova situação histórica - o progresso tecnológico que permitiu maior produtividade com menos tempo de trabalho.

O trabalho como atividade prática eminentemente humana capaz de gerar modificações na natureza para a garantia da sobrevivência do homem sofreu alterações no decorrer da história da humanidade e a organização para a produção da vida foi se complexificando, resultando no que vivemos hoje.

No princípio da produção material nas comunidades primitivas, o homem organizava coletivamente o seu trabalho, tanto do seu processo, quanto os materiais e utensílios usados. E toda essa produção era para atender as necessidades imediatas. Com a possibilidade de produzir e conservar a produção excedente originaram-se novas formas de organização social de produção, modificando-se também a relação entre os homens. Dessa evolução da modificação na forma de se organizar social e economicamente, ao longo da história se deu o que denominamos de escravismo, feudalismo e sistema capitalista que vigora na sociedade atualmente,

Nas sociedades primitivas a produção de vida material era organizada de forma a garantir apenas o consumo necessário à sobrevivência do grupo, sem a produção de excedentes – os produtos materiais possuíam apenas valor de uso, não tendo valor de troca, já que esta praticamente inexistia. O trabalho era organizado coletivamente e envolvia todos os membros do grupo na produção, ocorrendo uma divisão “natural” (por sexo e idade) do trabalho. O produto desse trabalho também era coletivo, sendo dividido por todo o grupo. A propriedade da terra era igualmente coletiva (...) o desenvolvimento das técnicas e utensílios e sua melhor utilização levaram a uma produção excedente, uma produção que ultrapassava as necessidades imediatas do grupo. Isso foi acompanhado por uma nova divisão do trabalho, por novas relações entre os homens para produzir. Divisão entre os produtores e os que organizavam a produção, entre trabalho manual e intelectual. Com a especialização, a produção tornou-se cada vez menos coletiva, assim como o consumo. A apropriação dos produtos tornou-se cada vez mais individual, baseada na propriedade privada, levando a trocas e, pouco a pouco, à produção mercantil (ANDERY; ET AL, 2006 p. 11).

Ainda, baseado nas reflexões de Andery, podemos reconhecer que a base econômica é o motor para as mudanças na forma do homem se organizar, quando esta afirma que:

As relações de trabalho - a forma de dividi-lo, organizá-lo -, ao lado do nível técnico dos instrumentos de trabalho, dos meios disponíveis para a produção de bens materiais, compõem a base econômica de uma dada sociedade. É essa base econômica que determina as formas política, jurídicas e o conjunto das ideias que existem em cada sociedade. É a transformação dessa base econômica, a partir das contradições que ela mesma engendra, que leva à transformação de toda a sociedade, implicando um novo modo de produção e uma nova forma de organização política e social (ANDERY; ET AL, 2006 p. 20).

Com este breve histórico de como o sistema produtivo se desenvolveu e se modificou na história da organização social da existência humana, cuja base é principalmente econômica, percebemos que, o lazer como toda prática social, é condicionado pelo trabalho, ou seja, pelo modo de produzir e reproduzir a vida, como uma práxis social de uma dada forma de relação produtiva. Reconhecemos, portanto, a categoria modo de produção presente na formação histórica da humanidade e, por conseguinte no lazer, estabelecendo uma conexão para melhor entendimento desse fenômeno.

Como afirma Marx e Engels (1999, p. 39)

A categoria central propugnada para o entendimento da vida social dos homens é o modo de produção e é óbvio que, como não existe um modo de produção abstrato, geral, pairando sobre os homens, este modo de produção se realiza historicamente pelo conjunto das relações estabelecidas pelos homens. (...) Os mesmos homens que expressam seu viver precisam satisfazer suas necessidades do viver: comer, beber, habitar, vestir etc. É esse pressuposto, portanto, que os leva a concluir que o modo de produção determina a vida dos homens e a existência e uma dada formação social, configurando-se estes como aspectos centrais a serem observados para a compreensão da atividade social dos indivíduos. (objetos de trabalho, meios de trabalho e produtos que eles resultam).

Daí a importância de contextualizar e historicizar o lazer na gênese da dimensão produtiva humana, por ser esse fato determinante nas condições da vida material do homem e da mulher que dão conta da sua sobrevivência. Ampliando a nossa compreensão, ao dialogar com Peixoto, evidenciamos outras possibilidades de compreender o lazer à luz da categoria modo de produção da existência:

A categoria modo de produção na obra de Marx e Engels contribui radicalmente para pensar a problemática do lazer, à medida em que permite: (1) explicar os conteúdos do lazer, quaisquer que sejam, como resultado da atividade vital do homem no processo de produzir e reproduzir os bens necessário à sua existência, bens que podem ser úteis, ao mesmo tempo, para satisfazer necessidades de subsistência ou lúdicas; (2) explicar a forma do trabalho e do tempo livre em diferentes momentos históricos; explicar como no modo capitalista de produção o tempo livre é resultado do desenvolvimento das forças produtivas, mas, fundamentalmente, do grau de organização e poder da classe trabalhadora, o que aponta que o tempo livre sofre pressão para a sua redução quando a classe trabalhadora está mais desorganizada, uma pressão em favor do tempo produtivo, da precarização e do desemprego; (4) explicar como o modo capitalista de produção a geração do tempo livre é pensada para garantir a disponibilidade para o consumo, convertendo-se em mercadoria para a circulação de mercadoria; (5) explicar que, e caráter funcionalista, e focadas na ocupação do tempo livre, as políticas até aqui implementadas visam amenizar as tensões entre capital e trabalho (basta considerar a baixíssima qualidade do ensino que despreza a transmissão do patrimônio que a humanidade acumulou no âmbito da arte, da literatura, da música, produzidas no momento privilegiado de tempo livre para uma atividade livre de uma pequena parcela da população); (5) explicar que a produção do conhecimento referentes aos estudos do lazer no Brasil expressa a luta de classes, destacando-se a opção predominante dos intelectuais pelo atendimento dos interesses de mercado (PEIXOTO, 2007 p. 65).

Essa síntese aponta para uma nova perspectiva que supere a visão idealista do lazer, que é vista como momento de liberdade, de poder de escolha, em que sua relação com o trabalho se restringe ao tempo disponível para a recreação e descanso, evidenciando seu caráter funcionalista,

Já apontamos o predomínio da visão funcionalista na produção do conhecimento referentes aos estudos do lazer no Brasil. A nosso ver, a visão funcionalista possui profundas conexões com a predominância dos interesses da burguesia em um momento histórico que necessita defender arduamente o pacto social entre trabalho e capital, a fim de garantir a implementação e consolidação de seu projeto de classe que visa, em última estância a acumulação (PEIXOTO, 2007 p. 71)

O lazer no contexto sócio-econômico em que vivemos possui contradições próprias das contradições presentes

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br
² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santa Cruz, efmarta@gmail.com

no sistema capitalista. Ao mesmo tempo em que o lazer é tido como algo significativo para o ser humano onde este se desenvolve em suas múltiplas possibilidades, através da apropriação do que a humanidade produzir sob forma de cultura; nessa perspectiva, tratando o lazer a partir de uma abordagem da realidade que aprofunda as suas raízes, percebemos que os valores do lazer estão distorcidos, e impregnados dos valores do capital, instrumentalizado em favor do controle social, ditando e manipulando preferências de consumo. As contradições do lazer, ora como direito social e emancipação, ora como mercadoria a ser consumido alienadamente são evidentes quando, Peixoto destaca:

A produção histórica das condições para a fruição do gozo, para o usufruir do ócio, da educação, do tempo livre, do esporte e do lazer, aparece ao mesmo tempo, **primeiro** como um privilégio adquirido pela divisão social do trabalho que subordina uma parcela significativa dos homens ao trabalho manual, ao trabalho de produção dos bens essenciais à vida, liberando outros homens para o gozo da vida; **segundo** como um direito a ser conquistado e que, desde os primeiros passos da humanidade, deixou entreaberta a possibilidade de superar a divisão social do trabalho, ao sinalizar que, para além do trabalho, todos podem também fruir do gozo e do consumo do que produzem (PEIXOTO, 2007 p. 76).

Mediante o exposto, é fundamental que aprofundemos a seguir a nossa explicação sobre o lazer, quando o colocamos a serviço do controle social de manipulação do consumo para responder aos interesses capitalistas.

O LAZER COMO CONTROLE SOCIAL, CONSUMO E COMPENSAÇÃO

Lazer e trabalho mantêm relações indissociáveis. Essas relações ocorrem em um dado momento histórico que demarca o início de um determinado modo de produção, uma vez que tempo de trabalho e de não trabalho existe desde as primeiras formas de organização produtiva do homem e da mulher e o lazer surge como uma práxis social vinculada ao processo de industrialização do sistema capitalista.

Nos primórdios das bases que fundam o capitalismo, o lazer não foi uma concessão dada aos trabalhadores para a ocupação do tempo disponível, de forma espontânea, oferecida como condição social necessária. Na realidade, não se pensava na possibilidade de lazer, uma vez que as longas jornadas de trabalho mal permitiam aos trabalhadores a recuperação entre uma jornada e outra. Essa condição de ocupação do tempo livre era um privilégio da burguesia. Como afirma Lopes:

No mundo do trabalho, o lazer apareceu como atividade inútil para os trabalhadores já que a rotina fabril não combina como compromisso do prazer. O tempo da vida prioriza, nessa ordem social, o tempo de trabalho cujas jornadas passavam de extensivas (longas lidas de 14 a 16 horas inclusive para crianças e mulheres) para intensivas. Assim não só o trabalho era controlado pelo relógio, mas a vida cotidiana também passa a ser regido por ele já que todas as demais atividades (sociais, culturais e religiosas) se tornam subordinada ao tempo de trabalho (LOPES, 2002 p. 10).

As condições dos trabalhadores na época da consolidação do sistema fabril eram degradantes. E essas condições de trabalho geraram uma crescente pobreza, miséria, más condições de vida sem qualquer proteção social. A coação e a exploração explícita e desumana de uma classe sobre a outra foram evidentes, e toda e qualquer mobilização social contra o sistema eram proibidos “a proibição de sindicatos, do direito de greve, deixava os operários à mercê dos patrões” (ANDERY, 2006 p. 261).

Apesar de toda opressão, todos esses fatores foram decisivos para que os trabalhadores reivindicassem melhores condições de vida, a partir de melhores condições de trabalho. Havia, portanto, conflitos de interesses muito nítidos, fazendo com que o sistema estabelecesse a ordem, criando estratégias ideológicas que não permitissem a tomada de consciência do proletariado que resultasse em uma revolução operária. Desses conflitos foi possível que a classe trabalhadora conquistasse as primeiras reivindicações. “Para a classe trabalhadora, essa metade de século (segunda metade do século XIX) foi marcada por um grande avanço na

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santa Cruz, efmarta@gmail.com

sua organização e nas suas propostas (...) surgiram não apenas propostas de transformação econômica e política, mas também níveis mais elaborados de organização..." (ANDERY, 2006 p. 396). Sobre essas reivindicações e as primeiras manifestações dos trabalhadores contra opressão sofrida, acrescenta, Aranha e Martins (2009 p. 76):

As reivindicações dos trabalhadores vão lentamente conseguindo alguns êxitos. A partir de 1850 é estabelecido o descanso semanal; em 1919 é votada a lei das 8 horas; progressivamente a semana de trabalho é reduzida para cinco dias. Depois de 1930, outras conquistas, como descanso remunerado, férias, e concomitantemente, a organização de 'colônias de férias', fazem surgir no século XX o 'homem-de-após-trabalho' (...) estamos nos dirigindo a passos largos para a 'civilização do lazer'.

Mas essas conquistas, tanto nas melhorias das condições de trabalho, quanto das possibilidades de ocupação do tempo disponível para as atividades de lazer, não foram concedidas no sentido de humanizar o sistema dando condições humanas de sobrevivência dignas. Essa condição foi uma estratégia que favorecia o sistema duplamente: forma de controle social de minimizar as possibilidades de levantes e desordens que promovesse a revolução, que no contexto social brasileiro aparece como:

Um projeto claramente configurado de ocupação do problemático tempo livre gerado com a redução progressiva da jornada de trabalho nas décadas iniciais do século XX que culmina com a CLT. Este projeto de ocupação do tempo livre vai configurar-se em diversas áreas do conhecimento, em um processo de busca de precisão do que é e do que não é adequado para o preenchimento do tempo livre, que resulta em delimitação dos valores e de políticas de implementação dessas propostas. De caráter funcionalista, este projeto visava à contenção do processo de organização da classe trabalhadora no Brasil, e, especialmente, o controle do avanço das ideiasunistas no país (PEIXOTO, 2007 p. 23).

E, tendo os trabalhadores tempo disponíveis para atividades de lazer, eram presas fáceis para o consumo do que produziam. Nesse sentido, vale destacar, que

Entretanto, para que houvesse essa produção em massa era necessário que houvesse consumidores. O próprio Ford (1926) encontrou a saída: os trabalhadores teriam que ser também consumidores. Aumentou os salários de todos, obrigou outros empresários a fazer o esmo e os trabalhadores começaram a ter acesso a produtos até então impensáveis (LOPES, 2002, p.02).

Se na sua relação com o trabalho o homem se encontra na condição de alienado, no lazer essa condição é evidente e necessária numa sociedade capitalista, buscando no consumo também alienado, o espaço para a manutenção dos interesses do capital.

O consumo é um ato humano natural do indivíduo de garantir a satisfação de suas necessidades materiais e imateriais de sobrevivência, como alimentação, vestuário, etc... bem como atender suas necessidades culturais. O consumo é estimulado pela necessidade, se não há necessidade, não há consumo e é o estímulo artificial dessa necessidade, através da publicidade promovida pelos meios de comunicação em massa, que se dá a mercadorização do lazer, como afirma Marx (1983 p. 47) "A produção não se limita a fornecer objetos materiais às necessidades, fornece também uma necessidade aos objetos materiais". Essa mercadorização do lazer expressa na indústria do lazer, se torna uma forma de escoar a produção de bens materiais, objetivando o lucro máximo.

O estímulo ao consumo é potencializado pela obsolescência dos objetos, os produtos postos no mercado têm um valor temporário, sendo rapidamente descartável, uma vez que o mesmo produto já se encontra ultrapassado por uma nova tecnologia excitando os trabalhadores a consumirem sempre o novo, gerando um comportamento imediatista, utilitarista influenciando também em outras esferas da vida. Os valores implícitos na necessidade de consumo estão na auto-realização do bem-estar, no prazer, na felicidade, na satisfação de poder consumir determinados produtos que não estão ao alcance de uma maioria com apelo do novo, do bonito, do atual e moderno.

Além do controle social gerador do consumo, outra característica marcante do lazer é com ocupação do tempo

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santa Cruz, efmarta@gmail.com

disponível com atividades para recuperação física, recuperação esta necessária para a preservar a capacidade do trabalhador para o trabalho, pois o tempo disponível só é concedido por quem detém os meios de produção, à medida que existe a necessidade de compensação. A prática de atividades físicas, então, se torna indispensável para este fim, pois tem como função compensar os desgastes físicos decorrentes do trabalho mecanizado, repetitivo e fragmentado. E esta prática de atividades físicas é incentivada com promessas de saúde e qualidade de vida, mascarando os reais fatos que o determinam a qualidade de saúde e de vida dos trabalhadores.

Todos estes fatores são importantes para identificar no processo histórico como se deram a relação trabalho e lazer no modo capitalista de produzir a existência. E na realidade atual essa relação se configura como controle social, que gera compensação, consumo, camuflado pela ideia de liberdade de escolha, autonomia, prazer e divertimento, que na verdade tende a ofuscar as contradições e determinações do capital sobre os trabalhadores, distanciando-os cada vez mais da possibilidade de um lazer emancipador, resgatado da cultura historicamente produzida pela humanidade, que possa ser vivenciado de forma ativa e participativa na construção e reconstrução de uma cultura sob forma de lazer, enquanto uma práxis social.

Por reconhecer que a cultura do lazer não é engendrada na história de forma espontânea, tem na educação escolar, um espaço de criação e apropriação que parte de determinados interesses de classe, expomos, a seguir, elementos que identificam em uma síntese, o pensamento liberal predominante na educação brasileira, que veicula os interesses descrevemos nesse texto.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O desenvolvimento desse ensaio se expressa, mais precisamente, na intenção de estabelecer as relações, os nexos e as contradições do lazer na sua relação com a educação e educação física e verificar o que apontam os clássicos da área. A partir da análise e discussão das evidências que se apresentaram a partir do resultado do estudo, apontamos ainda, as perspectivas adotadas pelos autores e propagadas pela disseminação das publicações, para podermos reconhecer o lazer que temos tratado na relação com a educação e a Educação Física.

Para determinar e descrever o que dizem os estudos a respeito da relação do lazer com a Educação Física em sua relação, nexos e contradições, é necessário analisar sob as categorias que caracterizamos essenciais para a compreensão do lazer, pois, tais categorias, nos permitem reconhecer o lazer nas relações sociais estabelecidas pelo modo de produção dominante uma vez que o lazer na sua origem e essência foi determinado pelo capitalismo em sua expansão. As categorias empíricas que *a priori* designamos para analisar a base teórica das produções foram: modo de produção da existência, forma pela qual o homem garante as condições para a manutenção da vida; projeto histórico, que exprime o tipo de organização social que estabelece a forma em que a sociedade determina sua base matéria para produzir a existência humana; e ser social condição de ser histórico eu se faz partir do trabalho, que se substancia ao longo do processo de desenvolvimento ontológico.

Portanto, a relação estreita entre as formas de organização produtiva e o lazer na promoção do capitalismo, produz efeitos destrutivos na formação humana como um todo, pois a formação restrita para o trabalho no sentido unicamente produtivo, anula o homem da sua condição sujeito histórico que constrói sua própria existência, e se apropria da cultura que a humanidade acumulou e transmitiu, para a garantia da sua condição de ser humano.

REFERÊNCIAS:

ANDERY, Maria Amália. Et al. **Para Compreender a Ciência**: uma perspectiva histórica. 15 ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2006.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando** Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2009.

CHEPTULIN, Alexandre. **A Dialética Materialista**: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LOPES, Maria Izabel de Souza. **Lazer**: entre o cidadão e o consumidor: notas esparsas. 1^o ELAP - Encontro do lazer do Paraná, Universidade estadual de Maringá, São José dos Pinhais, Paraná, Maio de 2002.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. 3^oed. Campinas -SP: Papirus, 1995.

MARX K; ENGELS F, **A ideologia Alemã**. 11^a. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. **Estudos do Lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels**. 2007. 330 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Trabalho, Capitalismo